

A velhice imaginária a partir da cultura cigana no município de Irati, Paraná

The imaginary old age from the gypsy culture in the municipality of Irati, Paraná

La vejez imaginaria desde la cultura gitana en el municipio de Irati, Paraná

Alessandra Coesel
Alessandra Regina Teixeira de Freitas
Ana Karolina Domingues Pereira
Bernadete de Oliveira
Ucileide Aparecida Filus Teleginski

RESUMO: O presente estudo descreve e interpreta, a partir do conceito de cultura, o discurso de três ciganas, residentes no Município de Irati, Estado do Paraná, sobre a percepção de aspectos do próprio curso de vida, ora fortalecido, ora enfraquecido, pela figura do velho cigano. Nos procedimentos metodológicos, com base na perspectiva da pesquisa qualitativa, utilizou-se a entrevista, apoiada em um questionário semiestruturado, e o diário de campo, como instrumentos de coleta de dados. Consideramos que o trabalho de campo possibilitou registrar, compreender e refletir sobre o velho no imaginário das ciganas e identificar questões a respeito das dimensões do curso de vida deste grupo étnico; desvelou a figura do velho assumindo um papel de destaque independentemente de ser homem ou mulher e, também, a imagem da velhice desassistida no contexto dos acampamentos, onde há extrema vulnerabilidade e precariedades da qualidade de vida, da coletividade e do poder público.

Palavras-chave: Velho imaginário; Curso de vida; Etnia cigana.

ABSTRACT: *The present study describes and interprets, from the concept of culture, the discourse of three gypsies, residing in the Municipality of Irati, State of Paraná, on the perception of aspects of their own life course, sometimes strengthened, sometimes weakened, by the figure of the old gypsy. In the methodological procedures, based on the perspective of qualitative research, the interview was used, supported by a semi-structured questionnaire, and the field diary as data collection instruments. We believe that the fieldwork made it possible to register, understand and reflect on the old in the imagination of gypsies and identify issues regarding the dimensions of the life course of this ethnic group; unveiled the figure of the old man assuming a prominent role regardless of being a man or a woman, and also the image of unattended old age in the context of the camps, where there is extreme vulnerability and precariousness in the quality of life, community and public authorities.*

Keywords: *Old imaginary; Life course; Gypsy ethnicity.*

RESUMEN: *El presente estudio describe e interpreta, desde el concepto de cultura, el discurso de tres gitanos, residentes en el Municipio de Irati, Estado de Paraná, sobre la percepción de aspectos de su propio curso de vida, a veces fortalecidos, a veces debilitados, por la figura del viejo gitano. En los procedimientos metodológicos, basados en la perspectiva de la investigación cualitativa, se utilizó la entrevista, sustentada en un cuestionario semiestructurado, y el diario de campo como instrumentos de recolección de datos. Creemos que el trabajo de campo permitió registrar, comprender y reflexionar sobre lo viejo en el imaginario de los gitanos e identificar cuestiones sobre las dimensiones del curso de vida de esta etnia; desveló la figura del anciano asumiendo un papel destacado independientemente de que sea hombre o mujer, y también la imagen de la vejez desatendida en el contexto de los campamentos, donde existe una extrema vulnerabilidad y precariedad en la calidad de vida, comunidad y autoridades públicas.*

Keywords: *Viejo imaginario; Curso de vida; Etnia gitana.*

Introdução

“Vão se matar de verde.” (Ametista, 23 anos).

Este estudo traz uma pequena amostra do contexto da cultura cigana que se faz presente no Brasil, desde quando a população foi expulsa de Portugal, em meados dos séculos XVI e XVII, realocando-se, então, para o Estado do Maranhão, na região brasileira do nordeste. O crescimento da imigração cigana difundiu por todo o país uma cultura que, por muito tempo, movimentou a economia. Naquele período, através da venda de cavalos e escravos, muitos ciganos enriqueceram, foram constituindo suas raízes no país, e colaborando para o aumento populacional, especialmente da capital da Bahia, Salvador (Fernandes, como citado em Teixeira, 2008, p.153).

De acordo com o último levantamento sobre os povos ciganos, no território brasileiro, em 2011 havia 291 acampamentos ciganos, em 21 estados, estando concentrados, em seu maior número, no Estado da Bahia (58); em seguida, Minas Gerais (53); e Goiás, com (38); ao todo, a estimativa é que existam cerca de meio milhão de ciganos no país (Vasconcelos, Ribeiro, & Costa, 2013).

Levando em consideração a alta incidência desse grupo étnico, em especial na região centro-sul do Estado do Paraná, mais especificamente no município de Irati, onde, de acordo com um estudo realizado pelo município no ano de 2017, existiam 27 famílias, sendo que cada era composta com no mínimo três e no máximo cinco membros. A partir do trabalho realizado pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), as autoras perceberam, através do atendimento a essas famílias, a presença da influência da figura do velho na tradição cigana, observando-se aspectos culturais adquiridos (e transferidos oralmente) ao longo da convivência.

O conceito de cultura, desenvolvido pelo antropólogo americano Geertz na sua teoria interpretativa, é entendida de maneira semiótica, como um conjunto de significados elaborados pelo próprio homem, ou melhor, ao afirmar *“que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”*; o autor define cultura como *“essas teias e sua análise”* (1973, p. 04). Assim, investigar o grupo étnico cigano nos remeteu às singularidades e às totalidades dos sujeitos, e abriu espaço para nos debruçarmos sobre o contexto do saber local e nos aproximarmos do princípio de que *“a cultura é pública porque o significado o é”* (Geertz, 1973, p. 9).

O termo cultura não se prende a apenas um conceito, dado que pode assumir diversos significados. Tylor (1871) citado por Medeiros (2011, p.15), definiu cultura como o “*complexo integral que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade*”. Portanto, descrever o que é cultura torna-se muito complexo; “*praticamente todas as sociedades possuem mais de uma cultura dentro de suas fronteiras*” (Helman, 2009, como citado em Medeiros, 2011, p. 15).

Nota-se que, em uma mesma sociedade, existem diversos tipos de grupos que podem ser classificados pela condição socioeconômica, gênero, faixa etária, vestimenta, e outras particularidades, como o modo de falar, o comportamento, a moradia e a alimentação. Além disso, Medeiros (2011) também cita que existe uma diferenciação cultural no que se refere a fatores relacionados à religião, aos estrangeiros, aos imigrantes, aos turistas e às minorias étnicas, exemplificando.

É possível perceber que a cultura faz parte de um coletivo, tendo em vista que é constituída e aperfeiçoada conforme as relações sociais, ou seja, na medida em que há um conjunto de pessoas se relacionando cotidianamente. Portanto, a cultura pode ser associada à coletividade; assim, “*o homem é um; porém ao mesmo tempo é múltiplo, pois além de ser fruto de suas expressões coletivas só existe dentro das relações estabelecidas com seus semelhantes e que são possíveis através da cultura*” (Garcia, 2014, p. 2).

Atualmente a cultura se junta ao princípio de coletividade/universalidade, visto que todas as sociedades, independentemente da etnia, têm sua definição de cultura, porém em alguns períodos históricos a cultura era sinônimo de erudição, isto é, possuía cultura aquela pessoa que demonstrava ter conhecimento, mais especificamente nas áreas da literatura, filosofia e história. Além disso, a cultura também estava associada ao refinamento social, expresso através do comportamento, ou seja, a “*etiqueta social*” caracterizava a cultura como atributo de classe superior.

Garcia (2014) aponta que o significado original do termo cultura foi concebido dessa maneira pelos romanos, e que atualmente ainda é possível ouvir alguém dizer, que determinada pessoa é inteligente, pois é uma pessoa culta. Sendo assim, podemos perceber que a cultura não se prende a uma simples definição; seus significados são múltiplos, mas o que nos interessa discutir para esse trabalho, é a cultura como:

as manifestações coletivas, a identidade de um povo; são os hábitos e os costumes que norteiam as ações, o que organiza e estabelece as relações sociais de um coletivo através da transmissão e assimilação de um conjunto de valores morais e éticos que possibilitam a compreensão de ações padronizadas, e que sempre vão se formando em torno de elementos simbólicos compartilhados pelos indivíduos pertencentes ao grupo (Garcia, 2014, p. 3).

A partir dessa perspectiva, iremos discutir a cultura cigana, que é o enfoque do nosso manuscrito. A população cigana, assim como outros povos étnicos, tem valores e costumes diversificados, com forte apreço por sua tradição, considerando-a como uma lei que deve ser exercida e respeitada.

Existem diversas características do povo cigano que o diferenciam dos demais, dentre elas, a língua oficial, o Romaní. Tal idioma se caracteriza por ser totalmente oral, e ter grande possibilidade de adaptação, tendo em vista as mudanças de território realizadas pelos povos ciganos, por serem povos nômades e livres. Dessa forma, o Romaní engloba cerca de 60 dialetos, sendo o Calon o mais comum. “*Estes dialetos foram surgindo devido à necessidade de readaptação ou substituição de outras palavras na língua Romaní, sendo que cada grupo dependendo da localização geográfica modificou conforme necessitava.*” (Garcia, 2014, p. 10).

Como mencionado anteriormente os ciganos vivem em coletividade, sendo a constituição familiar o elemento principal da tradição desse povo. O carinho e o respeito pela família é uma característica comum entre todos os ciganos. Outro fator de extrema importância na cultura cigana é a presença e o respeito aos mais velhos, titulados nessa cultura como “*os puros, ou puris*”; estes são responsáveis por transmitir toda a tradição para os mais novos. O líder da família é representado pelo homem, que tem como papel ser

[...] o defensor da honra, do prestígio social e da coesão da família. O homem cigano decide sobre questões de política interna, tais como o casamento e a boa realização do mesmo, ou seja, ele contribui para que o negócio seja concretizado com sucesso e os rituais sejam mantidos. Também compete ao homem a função de zelar pela palavra dada nos mais variados negócios. Em questão de política externa, cabe ainda ao homem cigano resolver quaisquer assuntos com os não-ciganos.

Se sua importância é destacada entre os sedentários, isto é, os que têm residência fixa, o mesmo acontece entre os nômades, pois entre eles o homem cigano, pai de família cigana, o homem, com seus ofícios – comerciante, artesão, artista circense, mecânico, profissional liberal, músico, industrial - é responsável pelo sustento econômico da família (Pereira, 2009, como citado em Garcia, 2014, p. 10).

É possível perceber que, na cultura cigana, existe uma hierarquia social, principalmente dentro do *clã*, que não precisa necessariamente ser composto de parentes de sangue; o valor principal é terem laços simbólicos para manter o equilíbrio das funções desempenhadas por cada indivíduo dentro desse contexto familiar.

O cigano só será valorizado dentro da sua cultura, a partir do momento em que ele se casar e tiver filhos; a reprodução feminina é prestigiada. Acredita-se que os filhos mais tarde na sua vida adulta, irão ajudar os pais na fase da velhice e os membros mais velhos do acampamento. Por essa razão, a mulher grávida é tratada com muito carinho, e o nascimento de uma criança é muito festejado: *“A criança cigana terá três nomes, o nome secreto só de conhecimento da mãe, o nome do batismo cigano que é do conhecimento do clã, e o nome do batismo católico”* (Garcia, 2014, p. 11).

O casamento cigano pode ser realizado a partir dos treze anos de idade; o noivo ou a noiva, podem ser escolhidos pelos familiares, ou seja, dentro da cultura cigana é comum que os casamentos sejam *“arranjados”* pelos membros mais velhos da família. O jovem que fica solteiro é visto com desprestígio. Outra questão muito relevante dentro da prática do casamento na cultura cigana é a virgindade, vista como uma questão básica, para a concretização de um casamento.

Por fim, podemos citar outros fatores que também são importantes na cultura cigana como, por exemplo, *“o amor, a música, a oralidade, tal como já foi citado, os rituais fúnebres, a culinária que apresenta resquícios indianos, sendo que o apreço por chá exemplifica isso, as roupas coloridas, a cartomancia, o amor à liberdade, dentro outros.”* (Garcia, 2014, p. 11).

De acordo com Coradini e Souza (2014, como citados por Fernandes *et al.*, 2017), os ciganos sofrem com o preconceito e vivem às margens da sociedade, muitas vezes em situações precárias, sem acesso ao saneamento básico e às políticas de saúde:

O preconceito está presente em diversas práticas de discriminação contra formas de vida e modos de comportamento que não são aceitos em suas

diferenças e particularidades. Mas os diferentes preconceitos – contra mulheres, negros/as, homossexuais, imigrantes, idosos/as, pessoas com deficiência, entre outros/as – comungam de uma mesma atitude, de um mesmo comportamento e forma de pensar (Barroco, 2016, p. 9).

Estudos mostram também que antigas Leis, decretos, obras artísticas e matérias jornalísticas contextualizam “*uma clara evidência de que a sociedade não cigana não os deseja*” (Andrade Junior, 2013, p. 105).

Preconceito “é o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo; a característica em questão é vista como essencial e definidora da natureza do grupo, e, portanto, pertence indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem” (Mezan, 1998, p. 226).

Assim, o estilo de vida da população cigana ainda desperta muito preconceito, principalmente pelo desconhecimento; para Chauí, “*quando o senso comum se cristaliza como modo de pensar e de sentir de uma sociedade, forma o sistema de preconceitos*” (1996/1997, p.117). Observa-se ainda nos dias de hoje a errônea visão que generaliza as pessoas de etnia cigana como ociosas, e os ciganos como indivíduos que vivem mudando de território, “*que é o contrário do modo de vida considerado comum pela sociedade na qual vivemos*” (Fernandes *et al.*, 2017, p. 7):

Os ciganos buscam em seu nomadismo uma independência em relação ao outro cultural e, com isso, conseguem manter sua cultura quase intacta e ao mesmo tempo manter um estado de permanente tensão entre seus membros e as culturas que em seu périplo o contato torna-se inevitável. Permanecer estranho ao outro é uma das táticas encontradas por eles para não segmentar suas práticas e, de certa forma, amalgamar seus discursos como grupo social (Andrade Junior, 2013, p. 98).

Assim, a característica nômade deste povo, que tem com objeto norteador as viagens que faz ao redor de uma determinada área ou de um determinado país, é uma

estratégia para manter a sua tradição. Dentre os costumes ciganos, encontramos a cultura patriarcal; a mulher dentro dessa cultura é denominada como “romi” e possui papel principal nas atividades domésticas; outra característica forte dentro dessa cultura é a dependência permanente do marido, para muitas das decisões que dependem da aprovação dos homens. No entanto, além disso, de forma contraditória e pacífica, “*cada família possui uma liderança feminina, a phuriday, ou seja, a mãe da tribo, a matriarca que será sempre consultada antes de qualquer decisão importante*” (Pereira, 2009, como citado em Garcia, 2014, p. 10).

O homem na cultura cigana é conhecido como “rom”, sendo o responsável familiar; a cigana tem como função preservar a castidade das filhas mulheres até o casamento, além de cuidar dos filhos e das noras. Na atualidade, o lugar ocupado pela mulher sofre a interferência de outros aspectos sociais, como idade, religião, etnia, cor, deficiência e situação socioeconômica. Por isso, como frisa Sterns (2012), tratar de gênero é remeter-se ao sistema patriarcal, implica relacionar e analisar os grupos étnicos através das óticas de classes sociais (capitalismo) e diferenças étnico-raciais (racismo). Tal olhar mostrará que a velhice cigana também está imbricada na supremacia masculina.

Pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento descrevem, em vários manuscritos científicos, o alto índice de diversidade da população idosa e de velhices que temos na sociedade brasileira. Estudos acerca da velhice, do processo de envelhecimento e do curso de vida apresentaram vários cenários que, ao longo da história, trouxeram fatores que afetam e são afetados pelo segmento idoso, como, por exemplo, às modificações da estrutura etária, as questões demográficas, o estilo de vida da população:

Os gregos desprezavam seus velhos e os colocavam em serviços subalternos e humilhantes, enaltecendo a beleza e a juventude. Apenas o filósofo grego Platão possuía uma visão em que a velhice estaria ligada à sabedoria, prudência, sensatez e astúcia. Os Hebreus se destacavam pela importância dada a seus velhos, que eram vistos como os chefes naturais. Na cultura hebraica destaca-se “Matusalém” que, segundo as escrituras, teria vivido 969 anos. Para eles, uma vida longa era vista como uma benção. Na sociedade romana os velhos detinham uma posição privilegiada. Eles possuíam a autoridade de “pater famílias”, ou “pais de famílias” (Dardengo, & Mafra, 2018, p. 5).

Algumas sociedades, durante muitos séculos, viam a velhice como uma questão de doença, já que seus estudos eram em grande parte voltados à área biomédica (Borges, 2007); outras buscavam impedir o processo de envelhecimento, idealizavam a imortalidade. Exemplo desse clássico estado de desconhecimento a respeito da temática ocorreu quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou, em maio de 2019, após um processo de consultas, discussão e revisão textual, a inclusão do código MG2A para classificar a velhice (ou, no inglês, *old age*) como doença, em 1º de janeiro de 2022, por meio da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, na sua edição mais recente, o CID 11.¹ Decisão essa que busca levantamentos de dados para se criar um panorama da situação da saúde do velho ao redor do globo e que tem gerado controvérsias, pois embora a OMS não afirme rigorosamente que a velhice seja uma doença, a inclusão do termo na CID 11 permite esse tipo de interpretação. O que suscita uma questão ética, porque o processo de envelhecimento e a fase da velhice, na vida do ser humano nunca foram e nunca serão lineares. Reiterando-se que os percursos da vida humana são transversais ao desenvolvimento da indústria capitalista, como, por exemplo, o êxodo rural, epidemias, mortalidade infantil, migrações, explosão demográfica. O que implicou em acontecimentos de grande impacto social à época da Revolução Industrial e em determinantes estruturais que envolvem, até a atualidade, a distribuição de renda e o preconceito baseado em valores relativos a gênero e grupos étnicos. O que configura as condições para a sobrevivência durante o curso de vida dos indivíduos, por conter em suas dimensões psicossociais os elementos e os recursos econômicos, comportamentais e biológicos (de saúde) envolvidos no seu percurso histórico (individual e coletivo).

A fase da velhice sofreu influência direta dessas questões; o capitalismo se fortalece na exploração da força de trabalho; então, a desvalorização da fase da velhice é uma constante, associando o velho à incapacidade de produzir. Sempre houve diversas formas de pensar e viver a velhice e o processo de envelhecimento, muitas vezes contraditórias, especialmente ao considerar especificidades e particularidades de cada cultura (Dardengo, & Mafra, 2018):

¹ Fonte: Agência Brasil. *Especialistas discordam do uso do termo velhice em lista de doenças. OMS decidiu incluir o termo em nova classificação internacional.* Saúde. Publicado em 07/07/2021, 06:30, por Alex Rodrigues, repórter da Agência Brasil – Brasília. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-07/especialistas-discordam-do-uso-do-termo-velhice-em-lista-de-doencas>.

Essas variações são dependentes de fatores como estilo de vida, condições socioeconômicas e doenças crônicas. Já o conceito “biológico” relaciona-se com aspectos nos planos molecular, celular, tecidual e orgânico do indivíduo, enquanto o conceito psíquico é a relação das dimensões cognitivas e psicoafetivas, interferindo na personalidade e afeto. Desta maneira, falar de envelhecimento é abrir o leque de interpretações que se entrelaçam ao cotidiano e a perspectivas culturais diferentes (Fechine *et al.*, 2012, p. 107).

O processo de envelhecimento afeta a longevidade de todos os seres humanos muito distintamente, salientando que o aumento da expectativa de vida e a diminuição da natalidade são uma constante na sociedade atual. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, a população idosa no Brasil chegou a 28 milhões, trazendo a necessidade de um olhar com mais atenção para a temática de povos tradicionais, como são classificados os ciganos.

Para a OMS (1995), a Qualidade de Vida é “*a percepção do indivíduo de sua inserção na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações*”.

Gonçalves e Vilarta (2004, como citados em Almeida *et al.*, 2012, p. 17), “*abordam qualidade de vida pela maneira como as pessoas vivem, sentem e compreendem seu cotidiano, envolvendo, portanto, saúde, educação, transporte, moradia, trabalho e participação nas decisões que lhes dizem respeito*”. O conceito possui múltiplas definições e pontos de vista que conversam entre si:

Em abordagens sobre qualidade de vida, é necessário ter atenção à multiplicidade de questões que envolvem esse universo, desde parâmetros sociais até de saúde ou econômicos. Esses indicadores podem ser analisados (e assim o são) por diferentes áreas de conhecimento, com referenciais e procedimentos diferentes, sendo vinculadas definições e concepções variadas (Almeida *et al.*, 2012, p. 15).

Isso significa que esse termo abre um leque de possibilidades a diferentes processos de pesquisa; Minayo e colaboradores trazem a ideia de que qualidade de vida é

[...] uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural (2000, p. 2).

Já para Cancela (2007), o estilo de vida que a pessoa assume desde a infância/adolescência rebate no modo como os órgãos, as células, tecidos e estruturas sub-celulares envelhecem de forma diferenciada. Oliveira, Lúcio e Rodrigues (2019), em um estudo longitudinal acerca da percepção da Qualidade de Vida de cuidadoras familiares idosas, mostraram que viver em um ambiente onde cuidar de outro idoso é a principal função traz ao longo de toda a trajetória de vida consequências físicas, psicológicas e sociais, além de interferir prejudicialmente no processo de envelhecimento:

O envelhecimento é um processo biopsicossocial e, embora muita ênfase seja dada aos aspectos biofuncionais no planejamento assistencial, a compreensão da dinâmica psicossocial da pessoa idosa é fundamental na compreensão da evolução de seu processo de vida. Os aspectos psicossociais envolvem os aspectos psicológicos e os sociais normalmente muito relacionados nesse grupo etário. Muitas são as respostas emocionais apresentadas pelos idosos, como resultado do processo de envelhecimento normal, às doenças que podem estar presentes nessa fase da vida, às mudanças de papel ou *status* social, mudanças econômicas e modificações na sua rede de suporte social (Concone *et al.*, 2015, p. 287).

O ambiente determina a qualidade das relações cotidianas, pode gerar conflitos e comprometer a estrutura familiar, único suporte social dessas mulheres (esposas) idosas (viúvas), tanto dentro de uma perspectiva individual quanto social. Portanto, estudos destacam que *“medidas de qualidade de vida revestem-se de particular importância... tanto dentro de uma perspectiva individual quanto coletiva, e precisam ser incorporadas pelo profissional”* que atua junto às pessoas idosas, para que algo seja feito *“no sentido de frear um possível avanço de danos e de perdas físicas, sociais e psicológicas no meio ambiente onde vivem”* (Oliveira, Lúcio, & Rodrigues, 2019, pp.139-140).

Procedimentos Metodológicos

O caminho metodológico percorrido neste trabalho foi norteado pela pesquisa qualitativa, para alcançar o objetivo de identificar, nas narrativas de três mulheres ciganas, categorias que atravessam a percepção de aspectos do próprio curso de vida ora fortalecido, ora enfraquecido, pela figura do velho na tradição cigana. Minayo (2009, p. 15), destaca o papel da pesquisa qualitativa e os instrumentos utilizados nas Ciências Sociais como primordial para entender os processos de interação entre Ser Humano e sociedade, com base no impacto cultural.

Por acreditarmos que o diálogo possibilita a aproximação entre culturas, realizamos o processo de investigação, por meio de uma conversa caracterizada como entrevista semiestruturada e, utilizamos o diário de campo como suporte metodológico, a fim de registrar e descrever observações importantes para o desenvolvimento deste estudo e coletar narrativas de três ciganas, de acampamentos existentes em comunidades rurais na região do município de Irati, PR.

Este estudo teve três sujeitos entrevistados, com a participação das mulheres do acampamento que foram acolhidas e formaram uma roda de conversa no decorrer da entrevista, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e foram informadas sobre: (1) o objetivo do estudo;; (2) o caráter de voluntariado da participação; (3) o sigilo quanto a sua identificação; (4) os contatos dos responsáveis pela pesquisa (autoras) para esclarecimento de qualquer dúvida.

Fundamentados pela temática da pesquisa, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada com dez perguntas abertas. Recorremos à técnica de gravação de áudio

para coletar os relatos das entrevistadas. Também utilizamos os registros no diário de campo na visita aos acampamentos.

Na sequência, realizamos a transcrição das narrativas, buscando manter a originalidade das falas, sempre que possível o seu entendimento. Após leitura criteriosa das narrativas coletadas, construímos um roteiro para sistematização das informações. Iniciamos a apresentação dos resultados, trazendo o perfil dos sujeitos deste estudo: Ametista, 23 anos de idade, Rubi, 25 anos de idade e Safira, 43 anos de idade, para manter o sigilo; e, posteriormente, destacando categorias e subcategorias analíticas capazes de abranger o objetivo central deste estudo, a saber: primeira categoria: “O velho no imaginário das ciganas”; segunda categoria: “A qualidade de vida” e suas subcategorias: (1ª) o ambiente em que vive e trabalha; (2ª) as relações sociais que desenvolve; (3ª) a percepção individual de conforto; e (4ª) as condições de moradia, de saneamento básico, de educação, de transporte, de acesso a serviços de saúde e de proteção social.

Apresentação dos Resultados

As entrevistadas para esta pesquisa foram três mulheres de três acampamentos ciganos distintos. O perfil social da primeira participante, cujo pseudônimo é Ametista, reside no acampamento que fica na localidade de Gonçalves Júnior, zona rural de Irati, PR. Ametista tem 23 anos de idade, é solteira, tem Ensino Fundamental Incompleto, está inserida no Programa de Transferência de Renda Bolsa Família e costuma trabalhar na agricultura, por dia, para terceiros.

A segunda entrevistada, Rubi, é de outro acampamento, porém, também de Gonçalves Junior. Rubi tem 25 anos de idade, casada, mãe de dois filhos e concluiu o Ensino Fundamental Completo. A forma de sobrevivência da família vem do trabalho na agricultura, por dia, para terceiros, e dos “rolos”, “barganhas”, forma de comércio que tem por base a troca de um objeto por outro objeto, em geral, exercido pelos homens na cultura cigana. Rubi citou que as trocas são basicamente de menor valor financeiro, como troca de um animal por outro, como, por exemplo, trocar um cavalo por uma vaca ou boi; ou trocar moto por motosserra e assim por diante.

Safira, de pele morena clara, cabelos longos pretos sem fios brancos, tem na face marcas de rugas e manchas visíveis; menos salientes, porém, que as notadas nas outras entrevistadas.

Essa terceira mulher cigana entrevistada mora no acampamento de Caratuva I, localizado na zona rural de Irati, tem 43 anos, é casada, possui Ensino Fundamental Incompleto, participa do Programa de Transferência de Renda Bolsa Família, e a forma de subsistência da família é baseada no trabalho por dia, na agricultura, para terceiros; é também nos “rolos” que o marido faz com pessoas da comunidade ou de outros acampamentos.

O velho no imaginário das ciganas

Das falas das três ciganas identificamos e agrupamos elementos, ideias ou expressões, no sentido de elencar categorias e subcategorias analíticas que convergem com o objetivo da pesquisa. Sendo que registramos e ressaltamos a primeira categoria: “A figura do velho” a partir da dificuldade de encontrar velhos vivendo no contexto particular das comunidades, onde as entrevistadas foram localizadas. No acampamento de Safira, mora uma idosa que estava com a saúde bastante debilitada e preferiu não participar da roda de conversa e da entrevista. Ametista apesar de não saber o real motivo da pouca presença de idosos em sua comunidade, relata que muitos já morreram:

“Não tem mais, vai se indo, e cada vez mais vai ficando só os novatos, daí vai dando diferença porque é só novo. Morreram cedo. A mãe dela morreu também, faz pouco tempo, faz um ano, o Lauro (idoso da comunidade) também que morava ali... faleceu também... A Josefa (outra idosa) morreu também, bem de idade. A mãe tinha uns 50 e pouco, 55. E o seu Lauro 78; morreu todos os velhos daqui. É, morreu bastante gente” (Ametista, 23 anos).

Rubi comenta sobre a expectativa de vida, ao lembrar-se de um cigano centenário que viveu em seu acampamento:

“O último aqui tem 103 anos de idade, que é o cunhado de uma das ciganas do acampamento” (Rubi, 25 anos).

A figura do velho, para a cigana Ametista, tem papel de destaque, visto como conselheiro, chefe da comunidade. Ametista percebe a centralidade do velho nas relações sociais ali estabelecidas, tratado como uma espécie de líder que tem certo poder na

comunidade. Essa centralidade e respeito à pessoa mais velha, a torna valorizada, superior aos demais por ser o/a detentor/a de sabedoria e conhecimento, independentemente de ser homem ou mulher:

“É. Nós trata o velho com muito respeito, porque tem que tratar. [...] E também o mais velho é um líder nosso, é nosso líder. Ele que comanda nós. Se nós quer fazer uma coisa, se o mais velho fala assim: Não, você não vai fazer isso não. Daí, nós não faz, se ele não autoriza. Nós faz o que eles quer. Se o velho fala assim: Não, você pode ir lá fazer tal coisa. Nós faz. Se ele falar: Vocês não vão fazer isto. Daí nós não faz. Porque nós respeita o mais velho. Temos que respeitar mais, que ele é líder nosso daí.” (Ametista, 23 anos).

Ao mais velho é destinado somente o comando da comunidade. Ametista ressalta que ao líder não é permitido trabalhar:

“Os ´veios` ficam só em casa, não trabalham não. A função deles é liderar, eles ficam só para dirigir as pessoas. [...] Como que vão trabalhar?” (Ametista, 23 anos).

O local de trabalho predominante é na roça, um labor pesado e de grande esforço. Por isso, no entendimento de Ametista, os mais jovens trabalham e os mais velhos “*Vão se matar de varde*”. “*Varde*” expressão restrita ao interior do Paraná que é sinônimo de ficar à toa; o dicionário Aurélio, por sua vez, registra a palavra “*debalde*”, advérbio que significa “inutilmente, em vão”.²

As entrevistadas afirmaram que a continuidade da cultura é estabelecida a partir da figura do velho, através da linguagem. Portanto, a tradição oral passada de geração a geração é uma herança ancestral, que os velhos transferem para os mais novos, oralmente:

“Porque os velhos deixam ensinamento para os mais novos” (Ametista, 23 anos).

² Fonte: Gazeta do Povo. *A importância de ficar de balde*. Vida e Cidadania. Por Marleth Silva, 25/09/2009, 21:03. <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/marleth-silva/a-importancia-de-ficar-de-balde-bwwkb7rt1tco74rokjkb55a32/>.

A força dessa população está na tradição da oralidade, já que sua linguagem nunca se fixou na forma escrita. Os velhos ciganos são contadores de histórias, membros de grande importância que, por meio da oralidade, perpetuam um legado de costumes, de modo de vida, de conhecimento acumulado e de memória cultural. A fala da entrevistada Rubi corrobora a de Ametista, ao focar as diferenças entre a cultura cigana e a chamada cultura brasileira:

“Os brasileiros têm respeito pelo ‘véio’. Mas, os ciganos têm mais respeito, escutam, pedem conselhos para os mais velhos. Tudo a gente pergunta para ele, a nossa opinião a gente confirma com ele.” (Rubi, 25 anos).

Contudo, da reflexão a respeito da figura do velho no cotidiano relatado pelas entrevistadas, surgem duas subcategorias, a saber: o “preconceito” e o “trabalho individualizado”:

“Nós aqui olhamos a pessoa idosa como uma criança; a gente tem dó do ‘véio’; um idoso doente é como um filho para a gente.” (Rubi, 25 anos).

A percepção de Rubi descreve um quadro que identifica o velho como criança. Esse entendimento, de que velho é igual criança, remete a uma “falsa” sensação de salvaguardá-lo, dado que retira sua autonomia. Ter dó é fazer com que o velho perca autoestima; tenha um olhar sobre si mesmo como alguém frágil e incapaz de sair de sua situação. Essa narrativa desloca a imagem da velhice dos ciganos para um cenário que configura o preconceito de uma sociedade contra o idoso e caracteriza o “ageísmo” ou o “idadismo”:

“É como a idosa que vive aqui, ela é viúva há muitos anos e nunca pensou em casar, sustentou os filhos, se virava, trabalhava, via cartas, mas nunca casou. Os mais velhos trabalham para dar de comer aos mais novos.” (Rubi, 25 anos).

Essa reflexão focaliza o contexto do acampamento onde vive a entrevistada, a ausência de coletividade e do poder público em momentos de extrema vulnerabilidade dos velhos e das velhas de etnia cigana. Tal descola a figura do velho do imaginário para o

cotidiano, momento que desvela sua velhice desassistida, situação que caracteriza a subcategoria “trabalho individualizado” como fonte única de acesso a alimentos e à subsistência na velhice.

A Qualidade de Vida

“A qualidade de vida” é a segunda categoria encontrada na análise dos registros das falas dos sujeitos. Esse conceito já esteve em debate quando o interesse pela temática surgiu, pois, as pesquisadoras imaginaram que encontrariam muitos velhos nessas comunidades, haja vista que as mulheres ciganas que conheciam aparentavam ter idades avançadas. Na comunidade, porém, durante o trabalho de campo, perceberam que as mulheres apresentavam aspectos físicos de uma velhice não cronológica. Tratava-se da expressão biológica da velhice, caracterizada pela presença de marcadores provenientes de um processo de envelhecimento acelerado, e por um curso de vida que se deu em um ambiente constituído na ausência do Estado.

A dimensão da qualidade de vida trazida nas falas está relacionada com fatores objetivos e subjetivos da vida destes sujeitos, considerando serem esses fatores repletos de adversidades e indissociáveis. Assim, justificamos a categoria qualidade de vida em debate, por ela influenciar diretamente o envelhecer cigano; e ser atravessada por questões específicas da cultura e do trabalho, apesar das imprecisões teórico/metodológicas dessa temática:

“Eles se criaram na roça. Nós trabalhamos mais na roça. Assim, também, para os outros, quando tem serviço também.” (Safira, 43 anos).

Ponderar sobre o que determina a manutenção da sobrevivência é ver também o que determina a qualidade de vida. Ou seja, olhar aspectos desfavoráveis que a compõem como, por exemplo: (1^a) o ambiente em que vive e trabalha; (2^a) as relações sociais que desenvolve; (3^a) a percepção individual de conforto; e (4^a) as condições de moradia, de saneamento básico, de educação, de transporte, de acesso a serviços de saúde e de proteção social. Tais aspectos, encontrados nas falas das três ciganas, seguem sendo descritos como subcategorias deste estudo.

Nesse sentido, a primeira subcategoria, “o ambiente em que vive e trabalha”, foi Safira quem colocou em pauta, ao dizer que a subsistência na comunidade se dá através do trabalho braçal, majoritariamente na agricultura. Sua fala enfatiza o trabalhar na roça, um labor pesado, com exposição constante ao sol, uma tarefa delegada às mulheres, que não acontece no sentido de valorizar a trabalhadora, que é vista como “*mão de obra*” desqualificada.

Em sua narrativa, Safira traz também a segunda subcategoria, “as relações sociais”, um importante mediador para que aquele pertencente à cultura cigana possa ter acesso aos bens essenciais advindos do trabalho:

“Trabalha hoje para comer amanhã. Só eu não trabalho mais porque que eu fiz cirurgia. Agora as moçaradas, tudo trabalha. Só a velha não trabalha mais.” (Safira, 43 anos).

Sua fala sobre o próprio trabalho ou sobre o trabalho dos mais jovens remete à reflexão a respeito da “ideia” do que é bem-estar no decorrer da vida. Perceber esse bem-estar implicaria em uma compreensão da complexidade das relações sociais que se desenvolvem nesse ambiente, nesse cotidiano onde se dá o labor das mulheres ciganas.

A terceira subcategoria, “a percepção individual de conforto”, está intrínseca na sistematização dos relatos e resultou do entendimento que a “não percepção” individual de conforto está atrelada à qualidade de vida “não buscada”, “não acessada”, durante o processo de envelhecer, durante o curso de vida dessas três mulheres que vivem nessa cultura, ou seja, não se pode reivindicar o que não se conhece, o que não sabe que se tem o direito de usufruir. Nas falas das entrevistadas há a recorrência da percepção do processo de exclusão e, muitas vezes, da presença da sensação de invisibilidade durante todo o trajeto de suas vidas:

“Cigano. Apelidavam para ser diferente, por ser cigano.” (Safira, 43 anos).

“Só algumas pessoas que não conhecem nós e, nós também não conhecemos, daí tem preconceito com nós. Olham com aquele jeito estranho, como se fosse uma coisa diferente deles, mas nós não somos diferentes, nós somos iguais. O que muda de nós para vocês é a roupa, e

nem tanto também, porque 'oia` o meu estilo e o estilo de vocês. Eu sou cigana, mas não gosto assim (apontando para as saias). Ó meus trajés, calça igual vocês.” (Ametista, 23 anos).

Somando essas informações ao estudo da temática sob a ótica desta subcategoria, refletimos diretamente a respeito da construção no imaginário social e coletivo da figura cigana folclorizada, com vestimentas coloridas e dentes de ouro; da sensualidade e misticidade da mulher cigana, vista como selvagem, como passível na enganação, através da leitura de mãos e de dotes para o comércio:

“Nós somos ciganos e vivemos de um jeito. Os brasileiros vivem de outro jeito, por causa dos costumes, educação, respeito, cuidado; e, só que muitas vezes, se acham melhor do que nós, mesmo nos cuidados com a saúde, o jeito de mamar; têm pessoas racistas. Isso é ruim. Porque, daí, nos trata de forma diferente.” (Rubi, 25 anos).

A visão estereotipada causa desconforto, incomoda, distancia, provoca agravantes na vida social e inúmeras implicações, como: impedimento da liberdade e cerceamento da autonomia; violação de Direitos Humanos por manutenção de um pensamento conservador e irracional, intolerância, humilhação e sofrimento psíquico:

“Daí nós fomos se afastando e muitos desistem de estudar por causa disso. Nós percebemos que há muito preconceito dos brasileiros em relação aos ciganos.” (Rubi, 25 anos).

Rubi relata que representações do estereótipo da etnia cigana começam já no âmbito escolar. Um assunto delicado, mas que precisa ser considerado é o que se refere à higiene pessoal que surge da observação diversa: “os ciganos parecem ser proporcionalmente mais sujos que os brancos (exemplificando)”; obviamente que o raciocínio para o entendimento é que esse fenômeno deriva das condições sociais em que vivem. Tomar banho, realizar higiene pessoal, ficar limpo requer: água. Dependendo do local onde se vive, a água não é encontrada com facilidade, bem como: toalha de banho, sabonete e roupa limpa para vestir após o banho. Assim, a higiene pessoal não é apenas reflexo da cultura de um povo, mas, sim, das condições sociais de existência. Ou seja, se um grupo social tem menor número

de oportunidades na vida, em função dos preconceitos que pesam sobre ele, durante todo o seu trajeto de vida, no interior desse grupo encontra-se uma maior quantidade de miseráveis, de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade (Saffioti, 1987):

“Nós percebemos que há muito preconceito dos brasileiros em relação aos ciganos.” (Rubi, 25 anos).

Para as participantes, “brasileiros” são as pessoas que não pertencem à sua comunidade, aqueles que os “apadrinham” para que frequentem o ensino público e utilizem os serviços de saúde pública. Elas relatam que têm muitos ciganos, homens casados com brasileiras; já às mulheres ciganas não é permitido que se relacionem com pessoas fora de sua comunidade. Quadro que se apresenta dentro da perspectiva de gênero, a organização e a tradição machista da sociedade como um todo, cuja expectativa familiar, na maioria das vezes, é a concepção de filhos homens; a menina já com sua vocação determinada pela sociedade, a ser pacífica e salvaguardada; em detrimento, o menino é visto como mais sagaz e impulsionado prematuramente à independência (Beauvoir, 1967).

A sociedade é delimitada por relações de poder e, desde a gênese da civilização, as pessoas eram consideradas socialmente diferentes; sempre houve sistemas de dominação. Nessas relações se apresentam e se expressam também, a subordinação feminina, a qual, não por acaso, possui suas raízes no sistema denominado de patriarcal, baseado na dominação e exploração masculina. Nota-se que mesmo as leis e as normas garantam a igualdade, esta não é materializada, pois, ainda, a desigualdade está enraizada e reforçada através de um ideário social totalitário e cultural reducionista.

Assim, as três ciganas deveriam narrar uma relação feminina caracterizada por aspectos de passividade e dependência do masculino. Mas, contraditoriamente, percebe-se que essas mulheres aos poucos foram conquistando espaço:

“Antigamente, a mulher e o homem para casar... Eles combinavam o casamento quando eram pequenos. E agora não. Agora a moça cresce e casa do gosto dela.” (Safira, 43 anos).

A tradição do casamento permitiu especificamente proporcionar convívio e trocas de conhecimentos entre brasileiros e ciganas. Essas uniões podem ser também motivadoras de mudança do olhar preconceituoso em relação à diversidade entre os povos:

“Nós somos a mesma coisa que vocês, minha filha. Nós temos religião, que vocês têm. Nós também temos. Nós somos católicos. Nós nos batizamos na igreja, casamos também. Não tem diferença em nada.”
(Safira, 43 anos).

Contudo, através da investigação e da própria afirmação de Safira, notou-se que, com o passar do tempo, a mudança de costumes foi unilateral, caracterizando certa subordinação. Tal subordinação, com o passar do tempo, está mitigando o compartilhamento de um conjunto de traços, costumes e materiais, que abrangem artes e linguagem, modos de vida, valores culturais, tradições e crenças, fundamentais para preservar sua identidade enquanto povo.

A questão de gênero se mostrou presente nesse contexto; observamos a definição e diferenciação do papel e dos lugares de atuação da mulher cigana, uma tentativa de manter uma ordem social, garantir o êxito do patriarcado e lugar de inferiorização da mulher. Muitas mudanças são necessárias; o movimento feminista assume uma pauta importantíssima na busca pela igualdade entre homens e mulheres, para a valorização e defesas dos direitos humanos da mulher, no combate à violência de gênero e inúmeras outras questões, buscando que a voz da mulher seja ouvida, tornado as mulheres visíveis e com poder público. A mulher cigana, porém, tanto quanto a brasileira, sente o impacto do machismo.

A quarta e última subcategoria, “As condições de moradia, de saneamento básico, de educação, de transporte, de acesso a serviços de saúde e de proteção social”, busca apresentar recortes das narrativas sobre o acesso aos serviços públicos como, por exemplo, a Unidade Básica de Saúde (UBS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), portas de entrada para as Redes de Saúde e Socioassistenciais, dentre outras:

“Antigamente a gente não ia. Não sabia que nós podia usar tudo. Porque nós não se conhecia. Depois que os brasileiros foram entrando na nossa cultura, a gente foi aprendendo mais. Nós ía só em último caso.” (Rubi, 25 anos).

Rubi relata a descoberta do direito universal de acesso aos serviços de promoção da saúde e de prevenção de doenças a partir da busca ativa realizada por profissionais destas

áreas. Há tempos, a população cigana apenas procura tratamento de saúde quando a situação fica muito grave, ou em seu dizer: “*em último caso*”:

“*Os homens não vai, não sabem que podem acessar.*” (Rubi, 25 anos).

Na pesquisa constatamos que as mulheres têm maior adesão aos programas de atenção à saúde e, que os homens ainda não sabem que podem cuidar da saúde e prevenir doenças. Tais comportamentos, provenientes da desinformação e da falta de educação para a saúde, são barreiras à busca por uma vida mais longa e às oportunidades de autocuidado e de bem-estar.

Raros são os estudiosos e os gestores de serviços da área da Saúde e da área Socioassistencial que investigam no sentido de compreender a singularidade da realidade masculina e; conseqüentemente, intervir nos motivos que os homens alegam para não realizarem acompanhamento preventivo; mesmo quando têm acesso à atenção primária; mesmo quando os dados mostram o quanto o processo de envelhecimento torna o homem mais vulnerável às doenças; mesmo quando sabem da mortalidade precoce, principalmente, por causa do agravamento de patologias crônicas tratáveis como, por exemplo, as doenças cardiovasculares; mesmo quando a expectativa de vida da população masculina permanece ao longo dos séculos menor que a da feminina:

“*Nós fazia só o uso de ervas. Mas, na convivência com os brasileiros nós fomos aprendendo sobre os remédios e daí já passamos a usar. Mas, não muito, porque não queremos viciar.*” (Rubi, 25 anos).

Dessa forma, Rubi esclarece a visão equivocada sobre a população cigana ser ociosa e chama a atenção para o seu saber: uso e manejo de ervas. Seu saber ainda desconstrói a imagem histórica de povos nômades, ao reforçar que criaram raízes nos territórios em que vivem, já estão no mesmo local há cerca de trinta anos e, adaptaram-se à vida ali estabelecida, criando vínculos com a comunidade do entorno. As visitas domiciliares realizadas pelos profissionais do CRAS nestes territórios elucidaram condições de vida que se mostram sofridas, de enfrentamento e de convívio com as desigualdades, alta vulnerabilidade e baixa expectativa de vida, ou seja, os ciganos adquiriram também um modo de vida muito parecido com o do brasileiro.

O CRAS é a estrutura física onde o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) é executado, sendo a unidade pública estatal de referência da rede de proteção social básica. O PAIF foi reconhecido pelo governo federal como o principal serviço da proteção social básica (Decreto n.º 5.085/2004), passando a integrar a rede de serviços socioassistenciais que desenvolvem o trabalho social com famílias em situação de vulnerabilidade social e tem como objetivos:

Fortalecer a função protetiva da família, contribuindo na melhoria da sua qualidade de vida; Prevenir a ruptura dos vínculos familiares e comunitários, possibilitando a superação de situações de fragilidade social vivenciadas; Promover aquisições sociais e materiais às famílias, potencializando o protagonismo e a autonomia das famílias e comunidades; Promover o acesso a benefícios, programas de transferência de renda e serviços socioassistenciais, contribuindo para a inserção das famílias na rede de proteção social de assistência social; Promover acesso aos demais serviços setoriais, contribuindo para o usufruto de direitos; Apoiar famílias que possuem, dentre seus membros, indivíduos que necessitam de cuidados, por meio da promoção de espaços coletivos de escuta e troca de vivências familiares.³

No município de Irati, o CRAS foi implantado no ano de 2008, sendo que nessa época, o contato dos profissionais do serviço com o grupo étnico cigano não era muito frequente, pois o SUAS (Sistema Único de Assistência Social) ainda buscava ferramentas para divulgar os serviços ofertados, bem como implementar e executar as diretrizes de sua política. Atualmente podemos pontuar, como um dos resultados desta aproximação com a população cigana, o estabelecimento de um vínculo que proporciona mais interação com o CRAS, tanto para solicitação de benefícios, orientações, esclarecimentos de dúvidas, bem como o interesse das mulheres em participar dos cursos ofertados por este equipamento. Tendo o PAIF como base, o CRAS atua junto às populações mais vulneráveis e aos grupos étnicos, descritos como povos tradicionais, utilizando instrumentais como, por exemplo, as visitas domiciliares, bem como as rodas de conversas, através das quais se busca conhecer

³ Fonte: Ministério da Cidadania. *Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF*. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. Publicado em 03/08/2015, 15h47. Recuperado de: <http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/assistencia-social/psb-protecao-social-basica/projetos-psb/servico-de-protecao-e-atendimento-integral-a-familia-2013-paif>.

a realidade e a subjetividade dos sujeitos, o que, paulatinamente, tem permitido a intervenção cuidadosa, respeitando-se a cultura e garantindo os direitos desses cidadãos.

Considerações Finais

A velhice imaginária a partir da cultura cigana, no Município de Irati, Paraná, surgiu nos discursos, dos sujeitos deste estudo, com o velho assumindo um papel de destaque, como conselheiro, chefe da comunidade, uma espécie de líder, detentor de sabedoria e do conhecimento da tradição oral, independentemente de ser homem ou mulher. Assim, os mais jovens trabalham na roça e os mais velhos “*Vão se matar de verde*”.

O momento em que a figura do velho foi deslocada do imaginário para o cotidiano desvelou-se nos relatos: a velhice desassistida na imagem do corpo velho fragilizado demandando cuidados como uma criança, trabalhando solitário na roça, ter acesso a alimentos e subsistir. Revelando um contexto de extrema vulnerabilidade dos velhos e das velhas de etnia cigana dos acampamentos, as precariedades da qualidade de vida, da coletividade e do poder público.

Embora múltiplos fatores possam ter influenciado no processo de envelhecimento avançado e precoce dos sujeitos deste estudo, destacamos o trabalho na roça como um agravante. Vale considerar que o mercado de trabalho brasileiro é extremamente excludente, colocando certos grupos sociais à margem. Os postos de atuação que oferecem condições de trabalho melhores exigem alta escolaridade e especializações, além de valorizar muito a aparência física.

Ao examinar as estatísticas, em particular dos grupos de etnia cigana (objeto deste estudo), verificamos que seus membros estão nas ocupações menos prestigiadas e mais mal-remuneradas, têm baixos graus de escolaridade, não participam do poder público e de atividades de lazer, como, por exemplo, frequentar um clube. Pautada no preconceito, para justificar a situação e as discriminações praticadas, a sociedade evoca eloquentemente fatos do gênero: “cigano é sujo”, “cigano é pouco inteligente”, “cigano é supersticioso”, “cigano é desonesto”. Tais características, apreendidas como tendo sua origem na etnia, são consequências da desigualdade social entre os brancos (conforme exemplificado), que dominam, e os demais, que sofrem a dominação.

Mesmo com o avanço da tecnologia e o acesso à informação, a Educação em nosso país se esbarra numa esfera social que ainda não conseguiu desmistificar o preconceito enraizado contra uma comunidade, ou um grupo étnico, racial, ou religioso.

A pesquisa de campo (1) possibilitou aproximar de uma população tradicional, que, notavelmente, tem a inserção do cristianismo evangélico e das crenças cristãs do catolicismo nos espaços em que habita, que sofre preconceito e é levada a abandonar seus costumes e tradições; (2) evidenciou que a mulher cigana é triplamente “penalizada” por ser pobre, mostrando a condição inferior estabelecida no seu percurso cotidiano; assim, de forma mútua a expôs primeiro por ser mulher; segundo, por pertencer a uma comunidade tradicional cigana; e terceiro, por estar em um contexto de vulnerabilidade e desigualdade socioeconômica; (3) revelou (inicialmente) que, para intervir no local onde reside um determinado grupo étnico e melhorar a qualidade de vida, é necessária uma atuação interprofissional, ampla, que traz e envolve diálogos entre distintas áreas de conhecimento e peculiaridades da cultura desse grupo, para aprimorar o olhar sobre as dimensões da situação de subsistência de seus membros e identificar políticas públicas coerentes, que possam favorecê-los ou desfavorecê-los durante todo o curso de suas vidas, promovendo uma efetiva articulação intersetorial da rede, do poder público, do entorno e da própria sociedade.

Referências

Almeida, M. A. B., Gutierrez, G. L., & Marques, R. (2012). *Qualidade de vida, definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa*. São Paulo, SP: Escola de Artes, Ciências e Humanidades-EACH/USP. (142 p.). Recuperado de: http://each.uspnet.usp.br/edicoes-each/qualidade_vida.pdf.

Barroco, M. L. S. (2016). *O que é preconceito?* Caderno 1. Série assistente social no combate ao preconceito. Brasília, DF: Conselho Federal do Serviço Social, CFESS. *Gestão Tecendo na Luta a Manhã Desejada (2014-2017)*. (23 p.). Recuperado de: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno01-OqueEPreconceito-Site.pdf>.

Borges, M. B. (2007). *O. Envelhecimento Humano: Aspectos históricos e sociais*. (80 f.). Monografia de graduação em Psicologia. Brasília, DF: Faculdade de ciências da saúde. Recuperado em 17 novembro, 2020, de: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2991/2/20262462.pdf>.

Brasil. (2020). *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Recuperado em 07 dezembro, 2020, de: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html>.

Cancela, D. M. G. (2007). *O processo de envelhecimento*. Trabalho realizado no Estágio de Complemento ao Diploma de Licenciatura em Psicologia pela Universidade Lusíada do Porto, Portugal. Recuperado em 17 novembro, 2020, de: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>.

Chauí, M. (1996-1997). Senso comum e transparência. In: Lerner, J. (Org.). *O preconceito*. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado. Recuperado em 17 novembro, 2020, de: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/discrim/preconceito/sensocomum.html>.

Concone, M. H. V. B., Oliveira, B., Lodovici, F. M. M., Lúcio, L. M., & Rodrigues, T. S. (2015). Viúvas idosas: O que muda após a morte do marido doente? *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(3), 265-293. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/27124-Texto%20do%20artigo-71059-1-10-20160322.pdf>.

Dardengo, C. F. R. & Mafra, S. C. T.. (2018). Os Conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? *Revista de Ciências Humanas*, 18(2), “Tradução, interpretação e guia-interpretação envolvendo Línguas de Sinais”/Seção Estudos e Debates, 1-23. Recuperado de: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>.

Fechine, B. R. A., & Trompieri, N. (2012). O Processo de envelhecimento: As principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *Revista Científica Internacional*, 1, Ed. 20, art. n.º 7. Recuperado em 01 dezembro, 2020, de: <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>. DOI: <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>.

Fernandes, R. F. I. F. (2017). Envelhecimento na população cigana: um estudo sobre cultura e modos de vida. *Interdisciplinary Scientific Journal*, 4(4), 149-161. Recuperado de: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/422>.

Fernandes, R. P. P. (2018). *O envelhecimento humano na percepção dos ciganos acampados no Distrito de Tócos do Município de Campos dos Goytacazes/RJ*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense. (76 p.). Recuperado em 10 dezembro, 2020, de: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/rachelpontes_020920191524.pdf.

Garcia, L. de A. (2014). *Análise sobre práticas tradicionais na cultura cigana, com enfoque na quiromancia e no nomadismo*. II Semana de Pós-Graduação em Ciência Política. Repensando a trajetória do estado brasileiro. Universidade Federal de São Carlos. (17 p.). Recuperado de: <https://pt.scribd.com/document/422946143/Analise-Sobre-Praticas-Tradicionais-Na-Cultura-Cigana-Com-Enfoque-Na-Quiromancia-e-No-Nomadismo>.

Geertz, C. (1997). *O Saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. (8ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Andrade Junior, L. (2013). Os ciganos e o Processo de Exclusão. São Paulo: *Revista Brasileira de História*, 33(66), 95-112. Recuperado em 10 dezembro, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/g6gbcSvyMGft5FkKmd6RHMG/?format=pdf&lang=pt>.

Medeiros, C. M. (2011). *Uma análise da cultura cigana e sua influência no processo de saúde e adoecimento: contribuições para a Estratégia Saúde da Família*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais. Recuperado em 15 fevereiro, 2021, de: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9CGK7Z/1/monografia_cristina_maria_de_medeiros.pdf.

Minayo, M. C. S., Hartz, Z. M. A., & Buss, P. M. (2000). Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. Rio de Janeiro, RJ: *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 7-18. Recuperado em 15 fevereiro, 2021, de: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MGNbP3WcnM3p8KKmLSZVddn/abstract/?lang=pt>.

Minayo, M. C. S.. (Org.). (2009). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. (28ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Oliveira, B., Lúcio, M. L., & Rodrigues, T. S. (2019). Antes esposa, agora viúva - Percepção da qualidade de vida de cuidadoras familiares. In: Salimene, A. C. de M., Oliveira, B., Hayar, M. A. S. P. (Orgs.). (2019). *Envelhecimento com dependência: cuidados e cuidadores de idosos*. São Paulo, SP: Portal Edições.

OMS. The World Health Organization. (1995). Quality of Life Assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social science and medicine*, 41(10), 403-409. Recuperado em 15 fevereiro, 2021, de: DOI: 10.1016/0277-9536(95)00112-k.

Onomo, M., Cardoso, G. K. de A., Faria, J. M. G., Brasil, J. A., & Souza, L.. (2017). Os eternos estrangeiros: contato, campo afetivo e representações sociais de ciganos entre não ciganos da grande Vitória, ES. São João Del-Rei: *Pesq. Prát. Psicossociais*, 12(3). Recuperado em 19 fevereiro, 2021, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300003.

Saffioti, H. I. B. (1987). *O poder do macho*. Coleção Polemica. São Paulo, SP: Moderna.

Stearns, P. N.. (2012). *História das relações de gênero*. Trad.: Mirna Pinsky. (2ª ed.). São Paulo, SP: Contexto. São Paulo, SP.

Teixeira, R. C. (2008). *História dos ciganos no Brasil*. Recife, PE. Recuperado de: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf.

Vasconcelos, M., Ribeiro, J., & Costa, E. (2013). *Dados oficiais sobre os Povos Romani (ciganos) no Brasil, 2013*. Brasília, DF. Recuperado em 19 fevereiro, 2021, de: https://www.amsk.org.br/imagem/publicacao/Publicacao1_AMSK_2013.pdf.

Alessandra Coesel - Pedagoga, Doutoranda em Desenvolvimento Comunitário, Mestra em Desenvolvimento Comunitário, Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO; atua com vínculo temporário no CRAS Rio Bonito, Secretaria de Assistência Social, Prefeitura Municipal de Irati.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4999-5921>

E-mail: alessandracoesel@yahoo.com.br

Alessandra Regina Teixeira de Freitas - Especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social; Assistente Social, Faculdade de Ciências da Bahia, FACIBA; graduada em Serviço Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG; atua como Assistente Social com vínculo temporário no CRAS Rio Bonito, Secretaria de Assistência Social- Prefeitura Municipal de Irati.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4930-6476>

E-mail: teixeira.alle@hotmail.com

Ana Karolina Domingues Pereira - Assistente Social, graduada pela Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO, atua como Assistente Social com vínculo temporário no CREAS – Secretaria da Assistência Social, Prefeitura Municipal de Irati.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1842-3605>

E-mail: ana.kdomingues@yahoo.com.br

Bernadete de Oliveira – Fisioterapeuta. Acupunturista. Fisiologista do Exercício. Especialista em Gerontologia (titulada pela SBGG). Doutora em Ciências Sociais/Antropologia e Mestre em Gerontologia Social. Atua com equipe multiprofissional e na Fisioterapia Itinerante. Colaboradora do website Portal do Envelhecimento. Coordenadora do Curso de Gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae. Docente nos Cursos de Pós-Graduação em Saúde Pública (UNASP); em Psicogerontologia (UNIP); em Fragilidades na Velhice (COGEAE/PUCSP) e nos Cursos de Educação Permanente da Escola Municipal de Saúde (CGP/SMSdeSP/SUS).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2605-3533>

E-mail: bbell_o@yahoo.com.br

Ucileide Aparecida Filus Teleginski - Especialista em Práticas Interdisciplinares junto às famílias Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Graduada em Serviço Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG; atua como Assistente Social com vínculo estatutário no CRAS Rio Bonito. Secretaria de Assistência Social, Prefeitura Municipal de Irati, PR.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8494-5129>

E-mail: ucileidefilusteleginski@gmail.com